

Robert Vannoy , Deuterônômio, Palestra 10B

© 2011, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Centralização da Adoração em Deuterônômio 12, Artigo de Halwarda

III. A centralização da adoração e suas implicações para a data de Deuterônômio

Artigo “O lugar que o Senhor escolherá” de

AD Halwarda Introduzimos o algarismo romano III na última aula. É “ A centralização da adoração e suas implicações para a data de Deuterônômio”. Penso que o que farei aqui é apresentar-vos inicialmente o conteúdo de um artigo, que considero um excelente artigo sobre o assunto, de autoria de um homem chamado D. Halwarda . Ele era um estudioso holandês do Antigo Testamento que morreu com cerca de 40 anos, cerca de 10 anos atrás. Ele era um jovem estudioso quando morreu e começou a publicar e a fazer um trabalho tremendo, mas o Senhor o levou. Ele escreveu um artigo sobre este assunto publicado neste pequeno livro que só está disponível em holandês. Eu meio que resumi a essência disso e, pelo menos inicialmente, queria lhe dar isso porque acho que ele define bem o problema e, a partir dele, você pode entender as questões envolvidas. O título de seu artigo é “O lugar que o Senhor teu Deus escolherá”. Agora você reconhece que isso vem do capítulo 12 de Deuterônômio.

1. A Declaração do Problema Ele diz: “Poucos leitores da Bíblia percebem que nesta frase somos confrontados com a raiz do problema do estudo moderno do Antigo Testamento, mas esse é o caso”. Agora ele pode ter exagerado e exagerado um pouco seu caso, mas acho que há algum valor em fazer isso. “A raiz do problema do estudo moderno do Antigo Testamento é encontrada nesta frase: 'o lugar que o Senhor teu Deus escolherá'. Isto ocorre porque foi esta frase, relativa a um local legítimo de culto em Israel, que formou a chave para a primeira parte do trabalho de Wellhausen sobre a história de Israel, que mais tarde se tornou seu livro *The Prolegômenos para a História de Israel* . A chave para esse trabalho gira em torno desta frase. Halwarda diz: “Pode-se dizer que este estudo [*Os Prolegômenos da História de Israel*] foi o grande ponto de

viragem no estudo do Antigo Testamento, e apesar das críticas aos detalhes, posteriores à época em que foi publicado, por mudanças em método e pesquisa. Mantém a sua posição dominante até aos dias de hoje. Então, graças a Wellhausen, o capítulo 12 de Deuterônomo tornou-se o trampolim para uma crítica completamente destrutiva da Bíblia, mas não deixou intacto quase nada do Antigo Testamento.” O que Halwarda está a fazer é atribuir um enorme significado à interpretação de Wellhausen de Deuterônomo 12 como sendo o cerne de toda a hipótese JEDP de Wellhausen.

Halwarda continua: “O que é mais notável é que Wellhausen deu uma exegese de Deuterônomo 12 que, na maior parte, tem a concordância da maioria dos exegetas que acreditam na Bíblia. Ele leu Deuterônomo 12 no sentido de que todas as ofertas de Israel deveriam ser destinadas a um santuário em um local central de adoração, que por fim se tornaria o templo. Todas as ofertas eram destinadas àquele local de culto central, e todos os altares fora de Jerusalém eram ilegais. Toda oferta que alguém trouxesse de outro lugar elevado, por exemplo, era ilegal. Por que? Porque não foi trazido no lugar que o Senhor escolheu. Assim, Deuterônomo 12, de acordo com Wellhausen e de acordo com a maioria dos exegetas que acreditam na Bíblia, exigia essa centralização do culto. Deuterônomo 12 significava que a adoração era proibida em qualquer lugar que não fosse o santuário central. Direitos exclusivos estavam no templo.

O ponto em que Wellhausen e a maioria dos estudiosos que acreditam na Bíblia divergem é que enquanto estes últimos mantêm Moisés como o escritor de Deuterônomo 12, Wellhausen situou o escrito na época de Josias, que foi o primeiro a se livrar dos lugares altos e restringir ofertas ao templo de Jerusalém”. O que Halwarda está postulando aqui é o acordo básico entre os exegetas que acreditam na Bíblia e Wellhausen no significado e interpretação do capítulo, declarando a centralização da adoração, mas os exegetas que acreditam na Bíblia diriam que Moisés escreveu isso (ca. 1400-1200 aC). Wellhausen diria que era a época de Josias (621 aC), e que ele foi o primeiro a tentar destruir os altos e torná-los o centro exclusivo de culto em Jerusalém. Para que do lado ortodoxo o capítulo fosse colocado no tempo de Moisés. Wellhausen acreditava que era da época de Josias, 621 aC

. Os 3 Estágios do Local de Adoração de Wellhausen: Santuários Múltiplos, Oposição Profética a Santuários Múltiplos, Pós-Exílico Centralizado A razão de Wellhausen para 621 é que esta regulamentação de adoração exclusiva é impossível de conceber antes. Sua teoria baseava-se na visão de que o centro da adoração passava por três estágios discerníveis quando se estudam as seções históricas do Antigo Testamento. Se você olhar as seções históricas do Antigo Testamento, há três fases discerníveis de evolução no que diz respeito ao local de culto. A primeira fase foi esta: o altar não estava vinculado a um local específico. Havia muitos altares e muitos locais de culto. Na época de Juízes e Samuel, você encontra muitos altares em uso. Parece que o povo assumiu o controle dos altos dos cananeus, e ninguém tinha objeções a colocar altares em quase todos os locais. Na época de Samuel, ele fazia oferendas nos lugares altos para que as observâncias religiosas pudessem ser realizadas em quase qualquer lugar. Wellhausen disse que mais tarde houve aprovação divina para os locais de culto existentes, afirmando que a sua origem se devia ao aparecimento do Senhor num determinado local. Foi chamada de teofania, que então legitimou um lugar como local de culto. O Senhor apareceu em Betel e em Siquém, portanto eram lugares legítimos. Mas nesta primeira fase não se pensava que o culto estivesse vinculado a um lugar com exclusão de todos os outros. De acordo com a ideia de Wellhausen do tipo de adoração mais antiga e mais livre - temos esse tipo espontâneo de religião e todas as ocasiões da vida que dariam origem a uma expressão de ação de graças - havia um altar próximo onde os sacrifícios eram realizados.

Mas então, lentamente, uma mudança começou a ocorrer. Ainda não chegamos à segunda fase, mas a mudança começa a ser estabelecida sob a influência dos primeiros profetas, Amós e Oséias. Começaram a surgir críticas contra o culto desenfreado. Com a ascensão do movimento profético, começaram a proclamar que a verdadeira adoração não era a oferta do sangue de touros e bodes, mas era uma vida ética. Os profetas não desejavam atividade cultual; eles queriam um estilo de vida adequado. Eles queriam ética. Não que eles se opusessem à multiplicidade de altares como tal, mas eles viam um

perigo numa religião que colocava ênfase no culto porque as exigências morais de Deus não recebiam o que lhes era devido quando as pessoas afluíam ao altar e simplesmente passavam por todos os essas cerimônias. Graças a esta oposição dos profetas [isto é tudo teoria de Wellhausen, Halwarda está resumindo-a] os lugares altos perderam o seu significado. Além disso, a situação política levou lentamente Jerusalém a ocupar o primeiro plano. Após a queda de Samaria em 722, não houve mais concorrência do Reino do Norte no que diz respeito à observância do culto. Mais ou menos na mesma época, o profeta Isaías proclamou no sul a posição inexpugnável de Jerusalém. Jerusalém começa a ser o centro das atenções na época de Isaías.

Todos esses fatores juntos levam à segunda fase em que Jerusalém e o templo se tornam dominantes. Wellhausen disse que era entendido que uma abolição radical de todo o culto não poderia ter sucesso. Portanto, houve uma tentativa de reforma e concentração. Agora, você não pode destruir totalmente o culto. Os profetas opuseram-se a isso, mas não conseguiram eliminá-lo totalmente, por isso houve uma tentativa de concentrá-lo, reformá-lo, e essa influência profética estava por trás deste desenvolvimento. Mas embora os profetas e os sacerdotes fossem inimigos mortais – basicamente duas esferas diferentes de preocupação religiosa – ainda assim os profetas e os sacerdotes trabalharam juntos nesta questão de reforma e concentração. Eles tinham um interesse mútuo ali. Como os sacerdotes em Jerusalém tinham uma grande vantagem material com a concentração do culto na capital, os profetas promoveram o mesmo também em conexão com o seu conceito monoteísta de Deus. Então você realmente precisa parar de falar, como fez Wellhausen, sobre “o deus de Betel”, “o deus de Berseba”, o deus de todos esses lugares. Havia um Deus e um lugar legítimo de adoração. Assim, através desta influência comum, influência profética e influência sacerdotal, tudo isso influencia a tentativa de Josias de acabar com a adoração nos altos e em todos os lugares da terra, exceto Jerusalém, e essa foi a sua grande reforma em 621. Essa é a segunda fase.

No entanto, essa tentativa estava fadada ao fracasso; as pessoas estavam apegadas aos lugares sagrados. Assim que Josias morreu, a adoração voltou a esses lugares. A

reforma nunca teria tido efeito duradouro, segundo Wellhausen, se não fosse o exílio. Porque com o exílio, o povo foi completamente desenraizado, tirado da terra, e todo o sistema de adoração foi rompido. Quando Ciro, em 539 a.C., emitiu o édito que permitia o retorno, havia uma geração que nunca foi capaz de sacrificar-se. Eles não cresceram com as velhas práticas de épocas anteriores. E só nesse ponto houve uma geração de pessoas que puderam dedicar o seu coração e alma à realização das ideias reformistas do culto centralizado.

Então isso traz a terceira fase: o exílio rompeu completamente com o passado, e depois do exílio e do retorno, o povo não pensou mais em estabelecer lugares altos. Eles apenas aceitaram como evidente o objetivo dos profetas e dos sacerdotes antes de haver um local de adoração, e isso era em Jerusalém, no templo. Essa é a terceira fase: o tempo pós-exílico de adesão real a um local de culto que nunca foi experimentado antes.

b. Significado de Deut. 12 para a Teoria de Wellhausen Queremos ir um pouco mais longe na definição dos antecedentes da posição de Wellhausen e compreender o papel fundamental que o capítulo 12 desempenha, e depois ver o que o capítulo diz e o que fazemos com isso. Continuarei resumindo para você o artigo escrito por Halwarda sobre “O lugar que o Senhor seu Deus escolherá” e o significado que ele atribui à interpretação do capítulo 12 de Deuteronomio em conexão com toda a estrutura desta teoria JEDP de Wellhausen. E nesse processo, ele começa mencionando que a teoria de Wellhausen passou por três fases discerníveis em relação à história do culto em Israel. Houve então a primeira fase em que houve multiplicidade de santuários. Houve a segunda fase com a influência dos profetas na sua oposição à multiplicidade de santuários e a favor da centralização do culto. Mas isso não foi totalmente bem sucedido até depois do exílio, quando chegamos aos tempos pós-exílicos. Então você chega à terceira fase, onde você tem o estabelecimento do local de culto central e exclusivo. Então esse foi geralmente o desenvolvimento que ele esboçou, e discutimos isso na última aula.

c. Três fases nos locais dos altares de adoração em Israel

1. Código da Lei: Êxodo. 20

Então, para retomar a partir desse ponto, estas fases da história do culto de Israel em conexão com o local de culto: multiplicidade de altares, centralização de altares, o que quer que seja - há aquela progressão que Wellhausen viu. Agora, para continuar. Wellhausen disse que não apenas a história se moveu nessas três fases, mas também descobrimos as mesmas três fases na lei dada. Não apenas a história da adoração se moveu nessa sequência, mas nas leis de Israel você encontra representadas as mesmas três fases. A razão pela qual ele diz isso é que a lei do altar de Êxodo 20 corresponde à primeira fase da teoria: a multiplicidade dos altares. A lei do altar é encontrada em Êxodo 20. Agora Êxodo 20 ocorre no “Livro da Aliança”, e nos versículos 24 a 26 você lê: “Um altar de terra me farás, e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, e as vossas ofertas pacíficas, as vossas ovelhas e os vossos bois; em todos os lugares onde eu gravar o meu nome, irei a vós e vos abençoarei. E se me fizeres um altar de pedra, não o construirás com pedra lavrada; porque se levantares sobre ele o teu instrumento, estarás a contaminá-lo. Nem subireis por degraus ao meu altar, para que nele não seja descoberta a tua nudez.”

2. Deuteronômio 12: Centralização em um só lugar Observe a frase “Mas em todos os lugares onde registro meu nome”. O Senhor virá até eles, e os altares que foram construídos em vários lugares deverão corresponder à descrição que ele ali faz. Mas de acordo com Wellhausen, a lei do altar de Êxodo 20 presumia a multiplicidade de altares correspondentes à primeira fase. Essa lei pode ser atribuída a J e a E – o documento JE – e que a imagem da multiplicidade de altares ali refletida corresponde à imagem histórica fornecida por essas duas fontes.

Agora, avançando, Deuteronômio 12, de acordo com Wellhausen, exige a destruição dos locais pagãos de oferenda e ordena que o Senhor seja adorado em um só lugar. Portanto, Deuteronômio e a lei em Deuteronômio 12 correspondem à segunda fase desse desenvolvimento. É claro que, como discutimos antes, Wellhausen coloca isso em 621 AC, quando Josias promoveu a sua reforma. Das suas fontes JEDP, resta apenas P. E de acordo com Wellhausen, P é claramente posterior a D porque em D a centralização é

explicitamente comandada e, portanto, ainda deve encontrar práticas contrárias existentes, mas P não dá mais ênfase a isso. P apenas assume que um santuário central é normal. Nesse documento há apenas um lugar. Segundo P nunca houve outro caminho. É apenas uma questão de suposição; existe um local de culto e não é uma questão de conflito com a multiplicidade de altares. Na época de P, eles presumiam que havia um local de culto; todos estão de acordo com isso. Ele então atribui isso à terceira fase: aos tempos pós-exílicos para a origem disso.

Agora ele acha que essa sequência também é confirmada por outros assuntos – não queremos entrar em tudo isso – mas a força do sistema de Wellhausen não reside apenas em um único ponto, mas ele trouxe para esta questão a partir de muitos aspectos. de diferentes direções, e sua evolução na adoração é algo que chega a uma conclusão com base em muitas evidências convergentes. Este é apenas um fator fundamental para a sua teoria: a progressão e a relação com o local de culto, não apenas historicamente, mas também legalmente. Ele tem uma data firme, 621 AC e aquele documento D. Então ele trabalhou de 621 até uma época anterior; então ele trabalhou na outra direção após 621 para datar este material pós-exílico.

É claro que o resultado causa estragos em todo o Antigo Testamento. Porque, o que serve de fundamento para o Antigo Testamento? - O Pentateuco. Ele divide o Pentateuco em documentos fonte do JEDP, e nenhum deles é mais fundamental. Porque Moisés, em vez de ser o *fundamento* de tudo o que se segue, Moisés é o *resultado*. Ele é o resultado. Ele é o ponto final alcançado na história da religião do Antigo Testamento. A religião nos tempos antigos não era diferente da religião cananéia. O Senhor era simplesmente um deus não diferente dos outros deuses cananeus. Assim, o ponto de partida para o sistema de Wellhausen não é a revelação mosaica, mas o paganismo semítico primitivo. O que o sistema de Wellhausen faz é ir do paganismo até Moisés. Então, o que é, de acordo com a estrutura bíblica, o começo? - a revelação mosaica. Para Wellhausen, a “revelação em mosaico” é o fim. É aí que tudo está se movendo, particularmente no movimento profético em direção ao monoteísmo, à centralização do culto e, em última análise, à elaboração das implicações disso, e à legislação levítica com

seu ritual detalhado. Esse é o ponto final.

3. Profetas como Inovadores

No processo de fazer toda essa linha de destruição de múltiplos locais de culto e progresso em direção à centralização, os profetas ficam suspensos no ar. Porque os profetas, então, não são mais reformadores apoiados no fundamento de Moisés. Os profetas não proclamam os velhos costumes e chamam o povo de volta a eles. Os profetas são inovadores: estão proclamando novos caminhos. Portanto, a função dos profetas não é defender e proclamar o caminho de Moisés, pode-se dizer, que foi originalmente revelado como contrário ao paganismo, e chamar Israel de volta ao seu argumento de que Israel é distinto das origens pagãs. Mas os profetas guiam o povo através da sua pregação ética desde o paganismo primitivo e finalmente levam-no a Moisés. É isso que a teoria de Wellhausen faz. Os profetas conduzem as pessoas através da sua pregação ética para fora do paganismo e realmente as levam a “Moisés”, o “Moisés” do sistema de Wellhausen.

2. Respostas de Halwarda ao Deut. de Wellhausen. 12 Teoria

Agora, essa é basicamente a avaliação de Halwarda sobre o sistema de Wellhausen. Acho que isso lhe dá algumas dicas sobre isso e uma ideia que pode ser útil. Se você ler *Prolegômenos de Wellhausen*, verá que é um livro extremamente complexo. Penso que a apresentação em Halwarda é útil para ver algumas das suas implicações. O ponto principal de Halwarda é que a história da oposição à teoria de Wellhausen é principalmente dirigida contra vários detalhes deste sistema, em vez de atingir o cerne dele. Claro, não que os detalhes também não sejam úteis, mas de acordo com a abordagem de Halwarda aqui, o cerne deste sistema é a questão da “centralização do culto”, e esse é o ponto chave em todo o sistema de Wellhausen. É por isso que, como mencionei, Halwarda disse no início de seu artigo: “Poucos leitores da Bíblia percebem que nesta frase, 'o lugar que o Senhor teu Deus escolherá', somos confrontados com a raiz do problema do estudo moderno do Antigo Testamento. .” É por isso que ele sente que é tão significativo. Acho que Halwarda pode ter exagerado, mas ainda assim há algo aqui

que tem enormes implicações.

a. Múltiplos altares sancionados em livros históricos (cf. 1 Reis 18-19) Elias e os profetas de Baal no Monte Carmelo Agora, o que ele faz é o seguinte: Ele aponta que há exemplos nos livros históricos que cobrem a época desde os Juízes até o período do Reino, inclusive, onde a multiplicidade de altares era obviamente mencionada nos livros históricos. Ele diz que é difícil ficar satisfeito em dizer que a adoração em cada caso nestes diferentes altares era ilegal.

Ele ressalta que há exemplos de cultos ilegais e que não estão de acordo com a lei. Por exemplo, a partir de Juízes 17, o culto que Miquéias promoveu descrito nesses últimos capítulos do livro de Juízes, onde aquele santuário privado foi estabelecido com o levita, obviamente estava envolvida idolatria. Foi um culto ilegal. Também Jeroboão, filho de Nebate, que montou seus bezerros em Betel e em Dã, certamente pretendia ser um centro de adoração rival ao culto em Jerusalém, e tal foi condenado como pecado.

Mas tudo isso, diz ele, não elimina o facto de que neste período a multiplicidade de altares *per se* não foi condenada, mas sancionada. Ele aponta isso em vários casos. No caso de Elias, na época de Acabe do Reino do Norte, onde ele se opõe ao culto de Baal e aos profetas de Baal, depois daquele confronto com o povo no Monte Carmelo em I Reis 18, quando Jezabel vem atrás de Elias, ele fica muito desanimado. Ele foge de Jezabel e vai para o deserto; e em I Reis 19:10, quando ele está descansando em uma caverna, e o Senhor diz: “O que você está fazendo aqui, Elias?” Ele responde: “Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos, pois os filhos de Israel abandonaram a tua aliança, derrubaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada, e eu, só eu, fiquei, e agora eles estão tentando tirar minha vida.” Uma das reclamações de Elias é que o povo havia derrubado os altares do Senhor, no plural. Eles haviam abandonado os altares do Senhor e aparentemente estavam seguindo os altares pagãos. Não demorou muito para que no Monte Carmelo o próprio Elias erigisse um altar. Em I Reis 18:31, “Elias pegou 12 pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó. Com as pedras construiu um altar em nome do Senhor e fez um rego ao redor do altar .” Então ele orou e

o Senhor respondeu a essa oração. E você não percebe o menor indício de que haja qualquer ilegalidade relacionada com a construção dele e depois do altar de Jerusalém. Você percebe a sugestão, pelo menos em I Reis 19:10, de que um ponto de crítica válida contra os israelitas daquela época era que eles destruíram os altares do Senhor.

b. Nenhuma Oposição Profética a Múltiplos Altares Também é pelo menos interessante, como aponta Halwarda , que nunca lemos uma única vez sobre oposição profética contra a multiplicidade de altares. Não há nenhum elemento da mensagem profética que seja explicitamente dirigido contra a multiplicidade de altares. Agora, se isso fosse um problema, teria que ser um argumento baseado no silêncio. Você poderia pelo menos acusar os profetas de negligência nesta questão. Por que os profetas não se manifestaram fortemente contra a multiplicidade de altares?

c. Samuel Tinha Muitos Altares Os livros de Samuel são particularmente importantes na questão da multiplicidade de altares. Samuel era um profeta; ele foi um reformador; ele construiu vários altares e sacrificou em vários altares. Em I Samuel capítulo 9 ele vai a um lugar alto em Ramá e oferece um sacrifício na cidade de Ramá. Em I Samuel 7 e I Samuel 10, Samuel oferece sacrifícios em Mizpá. E em I Samuel 11:15 ele oferece um em Gilgal. Portanto, você tem menção explícita da oferta de Samuel nos altares de Ramá, Mizpá e Gilgal.

Você também tem a referência em I Samuel 16:2 de ele fazer uma oferta em Belém, o que parece ser divinamente sancionado porque, observe o contexto: “O Senhor disse a Samuel: 'Até quando chorarás por Saul, visto que tenho rejeitou-o de reinar sobre Israel? Enche o teu chifre de azeite e vai. Enviar-te-ei a Jessé, o belemita, pois consegui um rei entre os seus filhos. Vá ungir um dos filhos de Jessé. Samuel diz: 'Como irei? Se Saul souber disso, ele me matará.’” Saul era o rei, ele iria ungir outro rei e Samuel iria se opor a isso. “O Senhor diz: 'Leve uma novilha com você e diga: “Eu vim sacrificar ao Senhor.’”” Isso parece ter sido uma prática tão normal alguém pegar uma novilha, ir a Belém e oferecer uma novilha. sacrifício. Isso não teria despertado qualquer curiosidade

por parte de Saul.

d. O “sacrifício” de Davi em Belém foi aceito Em uma ocasião subsequente, depois que Davi foi ungido e Saul ainda era rei, Davi não estava em seu lugar à mesa de Saul em I Samuel 20. Quando a curiosidade de Saul foi despertada sobre por que Davi estava 'aceito'. Lá, encontramos em I Samuel 20:24: “Davi escondeu-se num campo. Quando chegou a lua nova, o rei sentou-se para comer, e o rei sentou-se no seu assento, como das outras vezes, num assento junto à parede; e Jônatas se levantou, e Abner sentou-se ao lado de Saul, e o lugar de Davi ficou vazio. . Contudo, Saulo não disse nada naquele dia, pois pensava: 'Alguma coisa aconteceu com ele, ele não está limpo; certamente ele não está limpo.’” Em outras palavras, parece que deve ter sido algum tipo de refeição de culto porque o primeiro pensamento foi que ele não poderia comparecer ritualmente. Mas então, no segundo dia, “Saul disse a Jônatas: 'Por que o filho de Jessé não veio à mesa, nem hoje nem ontem?' Jônatas responde a Saul: 'Davi pediu-me sinceramente permissão para ir a Belém. Ele disse: “Deixe-me ir, peço-lhe; pois a nossa família tem um sacrifício na cidade; e meu irmão, ele me ordenou que estivesse lá.”” Então, novamente, ele foi para Belém. Por que? Para oferecer um sacrifício. Seu irmão havia ordenado que ele estivesse presente, e essa foi a razão pela qual ele não estava à mesa de Saul. Então aquela oferta local era aparentemente um costume naquela época e ninguém via nenhum desvio da lei porque alguém estava indo para um lugar diferente para oferecer um sacrifício.

e. Deut. 12 e o desejo de Davi de construir uma casa para Deus Mas alguns dizem que estes foram tempos instáveis; o templo ainda não havia sido construído, e Deuteronômio 12:10 diz: “Quando você passar o Jordão e habitar na terra que o Senhor seu Deus lhe dá para herdar, e quando ele lhe der descanso de todos os seus inimigos ao redor, então que você viva em segurança; então haverá um lugar que o Senhor teu Deus escolherá para ali fazer habitar o seu nome. Em outras palavras, depois que os israelitas tivessem alcançado o descanso, haveria adoração centralizada. A questão é tão frequentemente defendida que Deuteronômio diz isso, e que 2 Samuel 7:11 é o ponto em

que essas condições foram realizadas. Agora, 2 Samuel 7 é aquele capítulo que contém as promessas do Senhor a Davi a respeito de sua casa, ou dinastia, que o Senhor iria estabelecer para sempre quando Davi perguntou se ele poderia construir uma casa ou templo para o Senhor. No versículo 11 diz: “E como desde o tempo em que ordenei que os juízes estivessem sobre o meu povo Israel, e fiz com que você descansasse de todos os seus inimigos, também o Senhor lhe diz que ele fará de você uma casa/dinastia”. Agora, alguns tentaram argumentar que qualquer citação de uma multiplicidade de altares anteriores a II Samuel 7 foi sancionada porque a multiplicidade era permitida até que o Senhor desse descanso e até que a situação de paz fosse estabelecida em que a centralidade da adoração pudesse então funcionar bem.

f. Absalão e o Santuário de Hebron Mas mesmo que seja esse o caso, isso não ajuda com Elias e, além disso, Absalão, por exemplo, mesmo depois de 2 Samuel 7:11, organizou sua revolução no santuário de Hebron. Em 2 Samuel 15, Davi sanciona o desejo de seu filho de ir a Hebron para pagar um voto, novamente sem grande consternação por ir a outro lugar para sacrificar. 2 Samuel 15:7: “E aconteceu, depois de quarenta anos, que Absalão disse ao rei: Peço-te que me deixe ir cumprir o voto que fiz ao Senhor, em Hebron. Pois o teu servo fez um voto enquanto estava em Gesur, na Síria, dizendo: “Se o Senhor realmente me levar novamente a Jerusalém, então servirei ao Senhor.”” Davi concede isso a seu filho e, claro, a Absalão então. vai para Hebron e inicia uma revolução lá, mas a ocasião para ir a Hebron foi novamente, pagar um voto e oferecer um sacrifício.

g. Descanso e lugar só são possíveis nos dias de Salomão – não no dia de Josué Além disso, e esta é a resposta de Halwarda à referência de 2 Samuel 7, se esta questão de descanso e paz se refere a inimigos externos, a aplicação de Deuteronômio 12 só é realmente possível durante na época de Salomão e depois por um breve período, porque se você está falando sobre inimigos externos, quase constantemente ao longo da história da nação de Israel houve ameaças de inimigos externos. Houve apenas um curto período

em que não houve ameaça de inimigos externos . Assim, Halwarda diz que o restante mencionado em Deuteronômio 12 não se refere a inimigos externos, mas a inimigos internos, e que a conquista dessa condição realmente é mencionada em Josué 22:4, logo na conclusão da conquista de Canaã. Em Josué 22, após a conquista e as duas tribos e meia serem enviadas para casa, lemos no versículo 4: “E agora o Senhor teu Deus deu descanso a teus irmãos, como lhes havia prometido. Voltai, pois, agora, e voltai para as vossas tendas e para a terra da vossa possessão, que Moisés, servo do Senhor, vos deu além do Jordão. Mas tenha cuidado diligente em cumprir o mandamento e a lei.” Para que ele veja “o resto” mencionado nas promessas de Deuteronômio como cumpridas muito antes da época de Davi; foi cumprido no tempo de Josué.

Tudo bem, então vamos um pouco mais longe. Na passagem de Êxodo 20:24-26, qual é o objetivo dos regulamentos ali? Continuaremos com isso na próxima vez.

Transcrito por Angie Sykeny
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final do Dr.
Renarrado pelo Dr.